

TRÂNSITOS E PRÁTICAS DECOLONIAIS EM ARTE E EDUCAÇÃO

Mónica Marcell Romero Sánchez¹
Sonia Tramujas Vasconcellos²

RESUMO: A relação com o ensino e a história da arte, na América Latina, permanece dependente de narrativas hegemônicas e colonizadoras. O domínio norte eurocêntrico continua a produzir implicações sociais negativas sobre a história e a memória de países que foram colonizados. As autoras deste texto, atuantes em instituições de ensino superior na Colômbia e no Brasil, têm aprofundado suas investigações em torno do pensamento decolonial e em 2019 decidiram realizar ações pontuais com um grupo de estudantes de arte, do bacharelado e da licenciatura. O intuito era desestabilizar narrativas sobre história da arte e processos de criação, questionar a colonialidade do saber (Mignolo, 2003) e incentivar outras relações com a arte. O fio condutor foi a apresentação do vídeo de Chimamanda Adichie intitulado “O perigo de uma história única”. Esta ação em comum foi o gatilho para a discussão e elaboração de propostas por parte dos estudantes. Procurou-se ampliar a relação com os saberes e questionar os que são invisibilizados pelas historiografias eurocêntricas para que sejam elaborados outros modos de pensar e compreender a arte e a realidade latino-americana. Ao final apresenta-se o trabalho artístico das autoras com forma particular de nomear o invisível e demarcar posicionamentos.

Palavras-chave: decolonialidade; formação superior em arte; saberes invisibilizados; contexto latino-americano.

TRÂNSITOS Y PRÁCTICAS DECOLONIALES EN ARTE Y EDUCACIÓN

RESUMEN: La relación con la enseñanza y la historia del arte en América Latina sigue dependiendo de narrativas hegemónicas y colonizadoras. El dominio norte eurocéntrico sigue produciendo implicaciones sociales negativas para la historia y la memoria de los países colonizados. Las autoras de este texto, trabajando en instituciones de educación superior en Colombia y Brasil, han profundizado sus investigaciones sobre el pensamiento decolonial y en 2019 decidieron realizar acciones específicas con un grupo de pregrado de estudiantes de arte. El objetivo era desestabilizar las narrativas sobre la historia del arte y los procesos de creación, cuestionar la colonialidad del conocimiento (Mignolo, 2003) y fomentar otras relaciones con el arte. El hilo conductor fue la presentación del video de Chimamanda Adichie titulado “El peligro de una historia única”. Esta acción común fue el detonante para la discusión y elaboración de propuestas artísticas por parte de los estudiantes. Buscamos ampliar la relación con el conocimiento y cuestionar los invisibilizados por las historiografías eurocéntricas para que se puedan elaborar otras formas de pensar y entender el arte y la realidad latinoamericanos. Al final se presenta obras artísticas de las autoras como una forma particular de nombrar lo invisible y demarcar posiciones.

Palabras clave: decolonialidad; pregrado en arte; conocimiento invisible; contexto latinoamericano.

1 Artista/pesquisadora/professora, Doutora em Artes e Educação, Mestre em Artes Visuais e Educação, Especialista em Políticas Culturais e Gestão Cultural e em Educação Artística Integral. Leciona na Pontifícia Universidad Javeriana e na Universidad Nacional da Colômbia. E-mail: mopomapa2@gmail.com

2 Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná/UFPR e Especialista em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PUCPR. Graduada em Educação Artística pela UFPR e bacharel em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. É professora adjunta da Universidade Estadual do Paraná no Campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP), atuando no Curso de Licenciatura em Artes Visuais. E-mail: soniatvasconcellos@gmail.com

O ensino de arte, mais especificamente o de artes visuais, nossa área de atuação, permanece, em grande medida, atrelado às narrativas hegemônicas de determinados artistas, períodos e movimentos artísticos. Narrativas que inserem um grupo de países, artistas e obras de arte como elementos fundantes de uma história da arte cunhada como mundial e universal, mas que é local e alicerçada em um recorte geográfico norte ocidental. Essa hegemonia constrói discursos, naturaliza preconceitos e afeta a seleção do que deve ser ensinado e compreendido como arte. Alterar este *status quo*, seja na academia, na escola ou em espaços culturais, não é fácil e nem simples, mas extremamente necessário se queremos enfrentar e denunciar a colonialidade de um saber que privilegia pontos de vista e mantém invisibilizado outras narrativas, outras histórias e sociedades produtoras de conhecimento, de arte, de cultura.

Para Walter Mignolo (2003), a América Latina foi um termo inventado e que se desenvolveu através da modernidade, na auto-narração feita pelas instituições que se conceberam como o centro do mundo e da humanidade. Anthony Giddens (1991) esclarece que a modernidade, em linhas gerais, refere-se a um estilo, a uma visão de vida e de organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram sinônimos de progresso e de transformação, constituindo-se um modelo hegemônico de conhecimento do mundo. Vários autores pontuam que a modernidade não existiria sem a colonização, sendo a colonialidade “um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista” (QUIJANO, 2000, p. 342).

As teorias de(s)coloniais³ situam o colonialismo como o lado obscuro da modernidade, atrelado aos movimentos de expansão e de exploração de terras colonizadas, levando a dominação e seu processo civilizatório para os territórios dominados. Breny Mendoza (2019, p. 55) amplia a discussão ao afirmar que “a liberdade do europeu e do colonizador depende da privação de liberdade do colonizado. Precisamente porque a liberdade de uns pressupõe a subordinação de outros, a descolonização é sempre um projeto inacabado”.

Ainda que o colonialismo tenha uma demarcação histórica de início e fim, a colonialidade do poder (Quijano, 2000) ainda define as relações de um segmento do mundo com determinados países. Ou seja, as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não cessaram com o fim do colonialismo. Esta colonialidade, que envolve o poder e o saber (Mignolo, 2003), impõe desigualdades, racismo e segregação ao demarcar e manter o privilégio epistemológico de um tipo de conhecimento. O lugar de fala do norte-eurocêntrico continua a produzir implicações sociais negativas sobre a história e a memória de países que foram colonizados. Como exemplo, situa-se a crença – que é construída – de que a nossa cultura ameríndia é “menor” frente ao “legado europeu”, situado como mais importante e avançado.

3 Existem várias perspectivas que discutem a herança e o peso colonial presente em sociedades que foram colonizadas, como os estudos pós-coloniais, anticoloniais e descoloniais. Optamos em nossas ações pela escolha do termo Decolonial, sem s, pois concordamos com Catherine Walsh (2017) ao afirmar que o termo Decolonial envolve um posicionamento contínuo de transgressão e insurgência, questionando a grafia com s. De outro lado, o uso do termo Decolonial se tornou uma escolha teórica e uma ferramenta política apropriada por diversos autores/as latino-americanos/as.

De acordo com Boaventura Santos (2006), a seleção de um dado saber estabelece processos de escolha que incluem ou excluem novas experiências e, deste modo, reivindica para si a formulação de um conhecimento mais verdadeiro sobre o mundo. Trata-se de uma representação da realidade social que se assenta sobre o que é considerado essencial e útil para um grupo hegemônico, assumindo como natural a exclusão ou redução de outras narrativas, outros discursos de verdade. Como consequência, uma pluralidade de saberes permanece à margem, invisibilizado.

As autoras deste texto, em espaços geográficos distintos – Colômbia e Brasil –, têm sistematicamente dialogado sobre a permanência de discursos e de constructos históricos que privilegiam pontos de vista eurocentrados. Também têm procurado investigar e produzir, de modo textual e artístico, movimentos contra hegemônicos, de resistência e de luta, mas também de solidariedade e de afeto, que se constituem em diferentes lugares e contextos. As conversas promoveram ações de questionamento e de intercâmbio entre estudantes e professoras, reverberando em partilhas e aprendizados.

Queremos destacar neste texto uma ação que ocorreu no primeiro semestre de 2019 e envolvendo alunos de graduação. Um grupo de estudantes da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR⁴ e um grupo de estudantes do curso de Arte da *Universidad Antonio Nariño*⁵, na Colômbia, assistiram ao vídeo de Chimamanda Adichie intitulado “O perigo de uma história única”. Esta ação em comum foi o gatilho para a elaboração de propostas para posterior compartilhamento. As discussões, nos distintos espaços de formação, envolveram indagações sobre memórias, referências de artistas, de imagens da arte, sobre linguagens e conceitos que permeiam nossas relações com a arte.

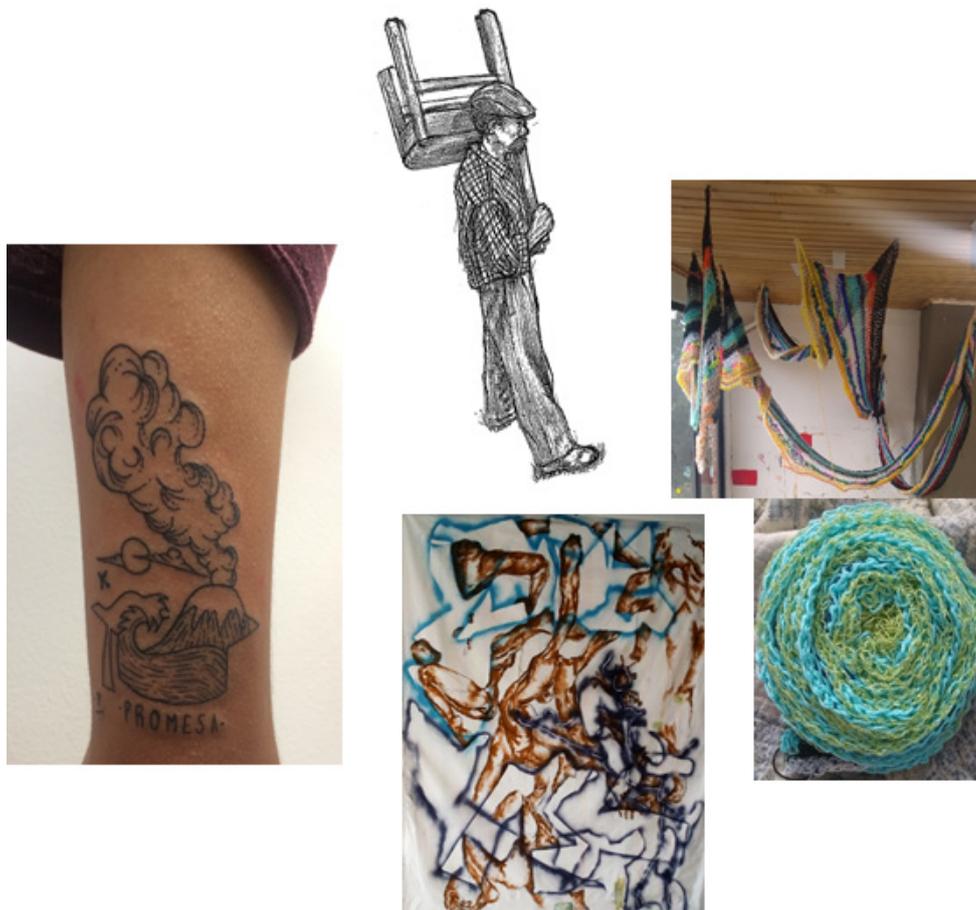
Os quatro estudantes colombianos envolvidos nesta ação discutiram seus processos de criação e realizaram um exercício para situar os conceitos presentes no fazer artístico. Essas palavras/termos foram inseridas em um mapa coletivo para que fossem ressignificadas. Essa ressignificação consistiu em nomear de outra maneira a sua própria prática com a intenção de despojar a linguagem da carga simbólica e retórica presente nos trabalhos acadêmicos. Essa prática permitiu, de alguma maneira, colocar em questão a linguagem e as narrativas únicas estabelecidas hegemonicamente.

Questionar e colocar “em crise” a linguagem – e as visões de mundo e de hierarquia que carregam – são desafios permanentes.

4 O curso integra o Campus de Curitiba II da Unespar, Faculdade de Artes do Paraná. Em torno de 18 (dezoito) estudantes frequentaram a disciplina optativa com enfoque na decolonialidade e suas repercussões no ensino das artes visuais.

5 A professora Marcela Garzón García, da Universidad Antonio Nariño, também participou desta ação.

Figura 1 – Trabalhos de Laura Guzmán, David López, Nicolás Sánchez, Tatiana Perill [fragmento] (tatuagem, desenho, pintura, tecido).



Fonte: ROMERO SÁNCHEZ, 2019

A leitura crítica e poética dos trabalhos realizados pelos estudantes tinha como intenção o estabelecimento de outras relações com o que se faz e se percebe como artístico. Modos de tecer relações que pudessem ampliar os sentidos e desestabilizar os códigos utilizados quando se referiam à arte e ao seu processo de criação. Que espaços as referências eurocêntricas dominam na interpretação/leitura que fazemos de imagens da arte? Como se colocar no centro da experiência, atentos aos contextos específicos que afetam os processos de criação?

O debate envolveu os trabalhos que os estudantes realizavam na sua formação como bacharéis em arte e uma seleção de imagens desses trabalhos, somadas a um vídeo feito por cada um, foram enviados para um grupo de alunos da licenciatura em Artes Visuais da Unespar.

No contexto brasileiro, as discussões ocorreram em uma disciplina optativa sobre Ensino de arte e Decolonialidade. Tinha, entre seus objetivos, instaurar debates sobre colonialidade, eurocentrismo, América Latina e as relações entre colonização cultural e ensino de arte. Iniciamos o percurso com narrativas e questionamentos. Relatos de vida, memórias da escola, do ensino de arte e de artistas estudados. Que acervo artístico temos no nosso imaginário? Em seguida foram

feitas leituras e debates para familiarização de conceitos e autores, com recorte especial ao grupo Modernidade/Colonialidade (M/C). Este grupo foi formado por intelectuais na sua maioria latino-americanos e a partir de vários seminários e publicações elaboraram uma reflexão continuada sobre a realidade cultural e política latino-americana. Dussel, Mignolo e Quijano fizeram parte deste grupo e discutiram a colonialidade do poder e do saber na América Latina, promotoras do silenciamento das vozes dos oprimidos e de desigualdades econômicas e sociais que perduram até hoje no capitalismo globalizado.

Nesta disciplina, o vídeo de Chimamanda Adichie intitulado “O perigo da história única” causou forte impacto ao evidenciar a unilateralidade do conhecimento, de um ponto de vista colonial, branco e racista. A narrativa de Chimamanda evidenciou a colonialidade do saber e a invisibilidade de outras identidades culturais, o que provocou debates entre os estudantes a constatação de que a história que conhecemos e estudamos está diretamente relacionada a uma visão europeia e norte-americana de poder e de domínio. As culturas de tantas regiões e populações permanecem estereotipadas, planificadas, recortadas, e a exaltação de algumas diferenças e distinções dessas culturas só reforça uma visão desumanizada, por vezes folclórica, e que nos afasta de suas complexidades e singularidades. Esse vídeo também foi assistido e debatido pelos estudantes colombianos.

O primeiro exercício envolveu a busca/pesquisa por artistas que discutem colonialidade, racismo, preconceito e a apresentação/discussão com os colegas. Os artistas apresentados foram: Rimon Guimarães, Viviane Lee Hsu, No Martins, Raquel Trindade, Maria Auxiliadora da Silva, Adélia Sampaio, Zózimo Bulbul, Jota Mombaça, Tiago Sant’Ana, Helen Salomão, Aun Helden, Márcia X, Wilson Tibério. Artistas desconhecidos para muitos e que fomentaram discussões e questionamentos sobre a presença/ausência de artistas e suas produções nas aulas de arte e a colonialidade que persiste na seleção do que é mostrado e ocultado.

Na sequência, iniciou-se o debate sobre o trabalho artístico a ser produzido pela turma, em grupos. E a intenção de realizar trocas, partilhar imagens destes trabalhos com os estudantes colombianos. Não foi possível realizarmos todo o processo, pois a disciplina da *Universidad Antonio Nariño*, vinculada à proposta, logo se encerrou. Mas o impacto dos estudantes da Unespar/Fap ao receberem o vídeo de apresentação e as imagens dos trabalhos dos estudantes colombianos foi marcante. O que era uma ideia, uma intenção, se concretizou com a recepção da imagem dos trabalhos produzidos e da voz de seus autores. A escuta, a partilha de reflexões sobre arte, criação, marcas de si, latinidade, colocou em evidência o quão pouco dialogamos/trocamos com nossos parceiros latinos, o quão pouco sabemos e compartilhamos de nossos percursos históricos e artísticos, com repercussão indelével na formação e na docência em arte. E essa escuta afetou os trabalhos a serem realizados pelos estudantes, ampliou possibilidades, produziu frestas.

Figura 2- Trabalho dos estudantes feito em grupos e apresentados em diversos espaços do campus universitário [fragmento]



Fonte: VASCONCELLOS, 2019.

Os trabalhos realizados foram variados e envolveram conversas, situações vividas, investigações e provocações. Um grupo realizou uma filmagem, na praça das Nações, evidenciando o abandono do lugar. Outro grupo propôs um trabalho envolvendo casulos, zonas de conforto. realizou um debate com a turma, no auditório, a partir de imagens e frases extraídas da mídia. Qual a nossa relação com tudo isto? O que nos incomoda? Quais são nossas zonas de conforto? Os estudantes elaboraram casulos e colaram perto das imagens, enquanto conversavam sobre o anestesiamento que a enxurrada de notícias provoca. Uma dupla colou pequenas tiras, com frases sobre Decolonialidade, nos copos descartáveis da cantina. Ao fazerem uma busca na internet, verificaram que esta palavra estava restrita aos textos acadêmicos e queriam colocá-la em outros lugares, suscitar perguntas e estranhamentos. Outro grupo iniciou uma conversa entre eles sobre a experiência de ir a um café colonial, lugar muito usual no sul do Brasil e que oferece uma farta mesa de comidas e bebidas. O que conteria neste café colonial? Que doces e bebidas reforçam histórias de escravidão, de racismo? O grupo montou uma mesa de café da manhã em uma das salas da faculdade, com doces e bebidas, como Preto de Alma Branca, Nega Maluca, Maria Mole, café, leite com manga. No cardápio, intitulado Café Decolonial, inseriram imagens e histórias do período colonial e que ainda repercutem no nosso imaginário. Materialidades carregadas de preconceitos, racismo, subalternidade.

De modo próprio e nas suas especificidades, ocorreram perturbações na relação com os contextos apresentados. O invisibilizado se expôs, acentuando distorções e permanências atreladas à colonialidade e à globalização.

As imagens dos trabalhos realizados por esses estudantes não foram apresentadas e debatidas pelos da Colômbia. Situações que acontecem no percurso, mas que mantêm o vigor de um diálogo inicial. A conversa continuou entre as professoras envolvidas, entre os estudantes, entre professoras e estudantes, e que repercutiu em outras situações e disciplinas curriculares.

OUTRAS NARRATIVAS

Essa experiência entre turmas de universidades, de países distintos, aproximou as autoras deste texto em torno do peso colonial no âmbito latino-americano. No contexto da academia, saberes legitimados se mantêm como episteme única e nos interessa compreender, interrogar e propor formas disruptivas de pensamento, revendo conhecimentos hegemônicos e possibilitando relações horizontais com outros saberes. Linda Smith nos lembra que, da perspectiva do colonizado,

o termo ‘pesquisa’ está indissociavelmente ligado ao colonialismo e ao imperialismo europeu”. (...) A forma como a pesquisa científica esteve implicada nos piores excessos do colonialismo mantêm-se como uma história lembrada por muitos povos colonizados em todo o mundo (2018, p. 11).

Ainda que as publicações realizadas em nossos países expressem modos de conhecer, de criar e representar, permanece a violência epistêmica da colonialidade do saber, e diretamente relacionada ao que Mignolo (2003) denominou de “diferença colonial e geopolítica do conhecimento”. Ou seja, onde estamos, o que somos e o que fomos alteram o peso de nossas investigações.

Elaborar contra histórias e tensionar o conhecimento legitimado hegemonicamente é o que nos convida Silvia Federici (2004; 2020) e Silvia Rivera Cusicanqui (2010; 2015; 2018) ao apresentarem outras perspectivas em torno do conhecimento. Em seu texto “*Reencantar el mundo*” (2020), Federici resgata a importância da escrita da histórica como parte da luta pelos bem comum para que não seja escrita pelos poderosos a fim de nos dividir e oprimir. Reencantar é se reapropriar, construir uma visão não racista do mundo, em que os outros não são inimigos.

De modo mais específico, a autora defende um olhar crítico em torno do trabalho reprodutivo – aqueles relacionados à vida e ao cuidado – e as lógicas econômicas que ali se instalam como engrenagens centrais para a configuração da sociedade atual.

A reprodução não entende apenas nossas necessidades materiais. Uma dimensão importante disso é a reprodução da nossa memória coletiva e dos símbolos culturais que dão sentido às nossas vidas e às nossas lutas (FEDERICI, 2020, p. 33).

Essa ideia de trabalho reprodutivo, que une ações e reflexões em torno de uma memória coletiva e de símbolos culturais situados, provoca ecos e tensões na forma como o conhecimento é construído na academia. Neste sentido, Rivera Cusicanqui (2015) propõe a criação de histórias alternativas, nas quais as memórias e experiências cotidianas, individuais e coletivas, são formas relevantes e marcantes de conhecimento, ainda que não apareçam nos livros de história. Narrativas de transformação e de luta que se situam como práticas de construção de saberes e que precisam ser colocadas em jogo para desafiar interpretações hegemônicas de mundo.

Karina Munoz e Maria Teresa Martínéz (2019) ressaltam a existência de inúmeras formas de resposta, de resistência e de transformação que acontecem nas regiões ditas “periféricas” pelo discurso colonial. Práticas concretas que

(...) desafiam, intervêm, desfazem o projeto ‘civilizatório’ e suas lógicas eurocentradas, (...) para nos reconhecermos como, nas palavras de Aura Curnes, ‘sociedades humanas e políticas constituídas em um processo histórico e em luta com o poder’, com o objetivo de deliberar como chegamos a ser o que somos – o que não somos – e o que queremos ser (OCHOA MUNOZ; GARZÓN MARTÍNEZ, 2019, p. 10, tradução nossa).

Essa mesma condição de materialização passa por reconhecer o lugar que habitamos na academia, com suas reproduções, transgressões e apostas de transformação. Todo este debate nos convida a rever as tradições hegemônicas que nos configuram para então questioná-las, ampliá-las, gerando polifonias e expansões que se rebelam contra as estruturas dominantes e instituídas.

Que práticas e discursos continuamos a repetir? Que ações de rebeldia temos realizado para configurar outras narrativas, outros olhares sobre os saberes, fenômenos e experiências? Indagações que merecem espaço nos cursos acadêmicos, nas licenciaturas, nas escolas, se queremos transformar o ensino e evidenciar, problematizar o lugar de fala eurocêntrico que permanece naturalizado no passado e no presente da América Latina.

PRODUÇÕES COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA

Na identificação de práticas, de documentação, problematização e criação de propostas/narrativas que discutem contextos e perspectivas hegemônicas, o lugar da arte e de suas práticas é crucial, pois possibilita locais de enunciação e de reparação simbólica e afetiva. Reivindica-se a construção de subjetividades sensíveis e que mostrem outras formas de habitar as realidades complexas em que vivemos.

Neste sentido, temos incentivado nos cursos em que atuamos, pesquisas e abordagens de ensino que questionem o que se situa como colonialidade e hegemonia, tornando visíveis histórias silenciadas, subjetividades reprimidas e pontos de vista subalternizados. “A colonialidade do poder é atravessada por atividades e controles específicos como a colonialidade do conhecimento, a colonialidade do ser, a colonialidade de ver, a colonialidade de fazer e pensar, a colonialidade da audição” (MIGNOLO, 2010, p. 12)

Entender as possibilidades e limites frente ao pensamento decolonial fazem parte das nossas conversas. Divagamos, confidenciamos, colocamos em evidência. Que elementos naturalizamos em nossas práticas como professores e artistas? Quais desses elementos temos conseguido questionar ou reinventar no nosso dia a dia? Indagações que nos fazem pensar em “processos micropolíticos revolucionários” (ROLNIK, 2018), nos quais a micro dimensão de nossas realizações e atos, ainda que fragmentados e incompletos, se torna um lugar importante e fundamental na efetivação de mudanças em nossas práticas profissionais e pessoais.

Entre os processos realizados, salientamos dois trabalhos artísticos de nossa autoria.

Esta imagem procura salientiar lutas e conflitos vivenciados por diferentes pessoas e em diferentes contextos, incluindo uma dimensão poética com leituras do livro *“La Resistencia”*, de Ernesto Sábato (2000). Colocar um rosto e um corpo em uma luta é dignificá-lo, mas também envolve riscos de silenciamento. No meio desse dilema, nos movemos diariamente no que diz respeito aos significados e implicações de assumir posturas de resistência. Diante da fragilidade da memória e de seu contínuo silenciamento em nossos países, os exercícios para uma reconstrução contínua são mais do que necessários para nomear o invisível e demarcar posicionamentos.

Figura 3 - Por afetos seremos salvos. Monica Romero, colagem



Fonte: ROMERO, 2019.

Nesse sentido, a visibilidade do outro e de si, no trabalho educativo e artístico, implica um olhar cuidadoso não apenas para conceitos ou categorizações em torno de um determinado termo; mas ao reconhecimento das micro insurreições das práticas cotidianas.

Práticas que resistem e desafiam o silenciamento e, de modo poético e vital, denunciam injustiças sociais, reivindicando, por sua vez, o valor da própria existência.

Este trabalho foi apresentado em uma exposição coletiva⁶ intitulada “A espera” e traz no seu título as folhas caídas no chão e sobre as quais pisamos automaticamente, sem pensar. Dezenas de mortes a cada dia anunciadas nos canais de rádio, televisão, internet e que se tornam imagens sem nome, folhas secas a se misturarem com outras informações, outros números e óbitos. Um exercício que expõe a naturalização dos feminicídios e das mortes violentas e que, de modo poético, denuncia o que se estabelece como corriqueiro. Na ficha de identificação da obra, constava o seguinte texto:

Rostos sem nome, nomes sem rosto.
Faces quase invisíveis, corporificadas pelas lembranças em luto.
Roda mortis. Quem foi desta vez?
(VASCONCELLOS, 2019)

Mais um nome, um número, um percentual diário de mortes que corroem as classes vulneráveis e lhes negam o direito à vida. No trabalho artístico, o vento, aos poucos, solta as imagens sem nome, que caem no chão.

Figura 4 – Folhas secas. Sonia Vasconcellos. Papel, carvão e cola quente sobre madeira.



Fonte: VASCONCELLOS, 2019

⁶ A exposição era composta por trabalhos de Ana Artigas, Giovana Casagrande, Leila Alberti, Sonia Vasconcellos e Verônica Filipak, com curadoria de Carolina Paulovski. Ocorreu no Centro Cultural SESI, Casa Heitor Stockler de França, e fez parte da 14ª Bienal de Curitiba (2019).

ARREMATAS FINAIS

As experiências e conversas, assim como as indagações sobre o que permanece da colonialidade – e de resistência – em nossos trabalhos como professoras formadoras, conchama um olhar afetivo e rigoroso sobre o que estamos fazendo. Nesse sentido, procuramos interrogar as relações com o conhecimento sistematizado e com os invisibilizados. O fato é que pouco conhecemos sobre o histórico e as condições de ensino das artes visuais nas diversas regiões do Brasil, da Colômbia, da América Latina. E essa ausência repercute na formação de professoras e professores e endossa a propagação de um discurso consagrado. Nesse sentido, a realização e divulgação de pesquisas são essenciais, assim como o incentivo às investigações de histórias locais.

Como, então, podemos nos movimentar questionando as lógicas estabelecidas, os discursos normatizados, as práticas instituídas, quando em países como os nossos, os que pensam de forma diferente e em voz alta são silenciados de diferentes maneiras, algumas violentas? Ainda assim, as formas de sentir e perceber realidades precisam ser postas em jogo para continuarmos a questionar o que se situa como estabelecido e consagrado.

Como nos ensina Silvia Rivera Cusicanqui (2018), o de(s)colonial deve ser ruminado, o que leva tempo e envolvimento, para que não se torne um rótulo adicional, um termo da moda e sem impacto efetivo em nós, no ensino de arte, na América Latina.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago y GROSGUÉL, Ramón. (Ed.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana: Instituto Pensar, 2007.
- FEDERICI, Silvia. **Caliban y la bruja: mujeres, cuerpo y acumulación original**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004
- FEDERICI, Silvia. **Reencantar el mundo: feminismo y la política de los comunes**. Madrid: Traficantes de Sueños. 2020
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GROSGUÉL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80: mar. 2008.
- LEDERACH, John. **Preparing for peace: conflict transformation across cultures**. Syracuse, N.Y.: Syracuse University Press. 1995

MENDOZA, Breny. La colonialidad del género y poder: de la postcolonialidad a la decolonialidad. In: OCHOA MUNOZ, Karina (Coord.). **Miradas en torno a problema colonial: pensamiento anticolonial y feminismos descoloniales en los sures globales.** México: Ediciones Akal, 2019, p. 35-69.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/Projetos globais.** Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

OCHOA MUNOZ, Karina; GARZÓN MARTÍNEZ, María Teresa. Introducción. In: OCHOA MUNOZ, Karina (Coord.). **Miradas en torno a problema colonial: pensamiento anticolonial y feminismos descoloniales en los sures globales.** México: Ediciones Akal, 2019, p. 5-32.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina.** 2000. Disponível em: <http://www.decolonialtranslation.com/espanol/>

quijano-colonialidad-del-poder.pdf Acesso em: 10/05/2019.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre las prácticas y discursos descolonizadores.** Buenos Aires: Tinta Limón. 2010

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Sociología de la imagen: miradas ch'ixi de la historia andina.** Buenos Aires: Tinta Limón. 2015

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Un mundo ch'ixi es posible: ensayos de un presente en crisis.** Buenos Aires: Tinta Limón. 2018

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SMITH, Linda T. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas.** Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, colonialidad y educación. **Revista Educación y pedagogía,** (48), 25-35. Medellín: Universidad de Antioquia. 2007

WALSH, Catherine. Gritos, grietas y siembras de vida: Entretejeres de lo pedagógico y lo decolonial. WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir,(re) existir y (re) vivir.** Quito: Ediciones Abya-Yala. 2017, p. 17-45.

Recebido em: 30/06/2021

Aceito em: 10/09/2021